

GEFEL – GRUPO DE ESTUDOS E FORMAÇÃO DE ESCRITORES E LEITORES

Coordenadora: Prof^a Ms. Margarida dos Santos (CAp ISERJ/ CAp UERJ)

Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ)

O GEFEL – Grupo de Estudos e Formação de Escritores e Leitores vem a esse congresso explicitar e discutir o nosso compromisso com a organização de coletivos docentes na Educação Básica, especialmente na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Coletivos que ganham materialidade ao reconhecermos que existe no *chão* de cada escola professoras/es que têm criado possibilidades de trabalho pedagógico na ação cotidiana de repensar suas práticas e imaginar novos caminhos para realizarem a ação docente junto aos estudantes. Transformar a escola pública num espaço de qualidade para todos é o que desejamos.

É com esse espírito que, no ano de 1996, um grupo de professoras alfabetizadoras, insatisfeitas com a forma tradicional com que se alfabetizava, começou a discutir possibilidades de práticas alternativas para formar crianças leitoras e escritoras. Tal projeto de alfabetização se apresentava na contramão das práticas pedagógicas hegemônicas, procurando afastar-se do uso das cartilhas, da gradação de supostas dificuldades da língua além dos exercícios mecanicistas.

Seu objetivo é investir coletivamente na qualidade de ensino, no aprofundamento dos estudos, na investigação, na reflexão e na criação de práticas mais favoráveis à formação de sujeitos cada vez mais capazes de dizer o que sentem, pensam e sabem, de ler criticamente a palavra do outro e de escrever criativamente a sua própria palavra.

O GEFEL reúne-se periodicamente no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), e mantém parcerias com grupos e/ ou professoras-pesquisadoras ligadas a UERJ, UFF e UNIRIO. Atualmente interinstitucional, tem como membros professores das redes estadual, municipal e particular de ensino do RJ e estudantes de cursos de formação de professores. Temos escolhido viver no GEFEL uma experiência de formação diferente, os encontros que realizamos no grupo têm nos permitido viver uma experiência na qual nós somos protagonistas. Dizemos que desejamos viver a Alfabetização como processo discursivo e decidimos o que precisamos estudar ao colocarmos nas rodas de conversas as nossas práticas alfabetizadoras, carregadas de alegria e de angústias ou preocupações. Nesse sentido, as nossas idas as fontes teóricas são sempre orientadas pela necessidade de melhorarmos as nossas práticas alfabetizadoras.

Além desses encontros que constituem um movimento orgânico e permanente de formação compartilhada, o GEFEL vem investindo em ações extensionistas, que se constituem em *espaços-tempos* de *co-formação*. Neles nos desafiamos nas relações dialógicas, através das narrativas das experiências *(do)discentes*, a compartilhar e a investigar nossas próprias práticas numa relação dialógica *prática-teoria-prática*.

O GEFEL têm se transformado em um *espaço-tempo* onde vamos nos formando professoras e professores continuamente. Arriscaríamos dizer, que o fato de nos colocarmos o desafio de sermos investigadoras/es de nossas práticas cotidianas e narradoras/es de nossas experiências, faz de cada uma/ um de nós *professoras/es pesquisadoras/es* em potencial.

Em 2012 lançamos nosso primeiro livro “Exercícios de Autoria: histórias de vida, narrativas de formação docente do/ no GEFEL”, que justamente vem compartilhar um pouco dos exercícios de revisitação dos nossos percursos de formação docente.

PRESSUPOSTOS DE ALFABETIZAÇÃO:

PERCURSOS TRILHADOS NA PRÁTICA E INVESTIGAÇÃO DOS SABERES-FAZERES DOCENTES COMO POSSIBILIDADE DE AÇÃO E CO-FORMAÇÃO DA/NA DOCÊNCIA

Lenita Ferreira (SMERJ/ UNIRIO)

Joana Elisa Braz (ISERJ)

Daniel de Oliveira (SMERJ/ FFP-UERJ)

Margarida dos Santos (ISERJ/ UERJ)

RESUMO

O presente trabalho apresenta um panorama geral das discussões que vêm sendo tecidas no interior do Grupo de Estudos e Formação de Escritores e Leitores (GEFEL), constituído por professoras/es e estudantes de licenciatura, atuantes no chão da escola na educação básica, que se propõem a investigar sua própria prática docente. A partir de investigações e do compartilhamento dos *saberes-fazer*es do cotidiano escolar, num movimento orgânico de co-formação continuada, o grupo aponta alguns pressupostos alfabetizadores construídos na base das experiências de seus sujeitos docentes nas relações tecidas com os sujeitos estudantes. A questão central que trazemos nesse texto é a discussão sobre em que medida esses princípios podem contribuir para a alfabetização e para a formação de professoras/es comprometidas/os com práticas emancipadas das ideias mecanicistas de cópia, treinamento e gradação fácil-difícil como métodos de ensino. Tais pressupostos, despreocupados em representar qualquer pretensão metodológica, revelam caminhos teóricos-epistemológicos-metodológicos que percorremos numa relação dialógica *prática-teoria-prática*, sobre os quais refletimos e que socializamos, como potências percebidas nos trabalhos de alfabetização com vistas a uma Educação emancipadora. A propósito desse movimento, nos investir da condição de professoras/es investigadores da própria prática tem nos levado, inclusive, à organização de ações extensionistas onde não é nosso interesse nos colocarmos no lugar de quem ensina. O que nos move realmente é a instituição de um *espaço-tempo* de reflexão, troca, compartilhamento de *saberes-fazer*es docentes que tem se revelado como privilegiado na co-formação da/ na docência. Atualmente, mais precisamente desde o ano de 2012, a centralidade das nossas discussões vem se voltando especialmente para a alfabetização na perspectiva da autoria, entendida aqui como ação que oportunize a possibilidade de dizer, dizendo-se enquanto sujeito, crítica e criativamente, igualmente capaz da leitura crítica do mundo e da palavra. Aliás, a autoria tem-nos sido uma temática tão cara que igualmente é discutida em nosso coletivo como novas possibilidades para as escritas de professoras e professores. E, nesse sentido, os membros do GEFEL vêm exercitando as escritas dos seus memoriais de vida e formação, onde nossas narrativas constituem-se como uma das formas existentes de revisitação, investigação e problematização da nossa própria prática docente. O percurso metodológico escolhido para a tessitura deste texto, recorte de nossas investigações, está na articulação das nossas próprias práticas docentes com os referenciais teóricos que nos ajudam a pensar sobre o nosso fazer docente. Nesse movimento incessante *prática-teoria-prática*, buscamos o diálogo, principalmente, com Freire (1996), que nos inspira a reflexões sobre uma Educação para a criticidade e autonomia dos sujeitos; Smolka (2012), que contribui para compreendermos a

alfabetização como um processo discursivo; Esteban e Zaccur (2002), que vêm nos ajudando a sustentar a nossa opção de investigação da própria prática na Educação Básica como exercício também de formação docente; e Larrosa (2002), cujas reflexões sobre a experiência, como aquilo que nos atravessa, e o tempo para a experiência, contribuem para pensarmos a aprendizagem, o desenvolvimento escolar e, conseqüentemente, a alfabetização por uma perspectiva diferente da do conteúdo/informação.

Palavras-chave: Alfabetização. Autoria. Experiência.